
As *Rimas* de Camões: novos leitores, novos desafios?

The Rhymes of Camões: new readers, new challenges?

Maria do Céu Fraga

Universidade dos Açores

Doi:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2026.nEsp.a1495>

RESUMO

Na sociedade e na escola, as *Rimas* de Camões continuam a despertar novos leitores e a propor-lhes novos desafios. Conhecer Camões não é apenas saber que existiu, saber que tem um valor excepcional no cânone da literatura portuguesa e acentuar o seu valor simbólico. Conhecer Camões é sobretudo ler os seus poemas e aceitar o seu desafio. Através do exemplo de Dinamene, neste texto acentua-se a interligação entre a celebração e o estudo que tornam popular Camões, poeta clássico.

PALAVRAS-CHAVE: Camões; Dinamene; sobrevida; clássico; celebração.

ABSTRACT

In society and in school, the Camões' *Rhymes* continue to interest new readers and propose new challenges. To understand Camões is not simply to know that he existed, to learn that he has an exceptional value in the canon of Portuguese literature and to accentuate his symbolic value. To know Camões one needs, above all, to read his poems and to accept the challenge they present. Through the example of Dinamene, this text emphasizes the interlinkage between the celebration and the study of

Camões, which is responsible for the popularity of the classical poet across time.

KEYWORDS: Camões; Dinamene; survival; classic; celebration.

É sem dúvida raro o poeta que consegue, ao longo de vários séculos, atrair leitores e estudiosos, ver-se discutido, ser declamado ou cantado em recitais, e tornar-se até personagem de narrativas populares e romances, ou motivo de festa simultaneamente no terreiro e no salão.

Luís de Camões tem vindo a conseguir essa proeza e, sendo um poeta clássico no sentido estrito do termo, seja por ter vivido no século XVI, seja por ser um autor canónico, consegue iludir as fronteiras que é hábito vermos erguerem-se entre a cultura popular e a erudita, tornar-se centro de atenção e desafiar novas leituras, interpelando de diferentes maneiras os seus leitores e levantando-lhes desafios diversos a cada nova leitura.

De tempos a tempos, seja em épocas de estremecimento de valores que o Poeta encarna ou de comemoração de efemérides camonianas como a que decorre actualmente, propicia-se a reflexão e, às vezes de forma exacerbada até, o ardor da discussão alcança níveis insuspeitados. Mas desde o tempo do próprio Camões encontramos testemunhos das leituras feitas pelos seus contemporâneos – que não são tão poucos como por vezes se crê –, e é possível traçar uma história da recepção dos seus poemas, épico e líricos, ao longo destes séculos. A atenção incide com maior frequência sobre o canto épico, como se pode compreender dada a importância literária e cultural que toma na própria afirmação linguística e política do país. Mas, sobretudo a partir dos românticos e em particular a partir da celebração nacional do Tricentenário, em 1880, o lirismo das *Rimas* viu-se valorizado.

Recuando no tempo, já na primeira edição das *Rimas*, póstuma, o prólogo de Fernão Rodrigues Lobo Soropita revela a preocupação de guiar a leitura de quem vier a ter o livro nas mãos. Soropita, advogado e também ele poeta, propõe-se dar “a notícia das cousas que se requerem, para entendimento dele” (Camões, 1595, prólogo), considerando que os poemas de Camões haveriam de atingir leitores mais ou menos competentes em Poesia. À época, e de acordo com a poética normativa que a regia, Soropita entendia que o primeiro desafio lançado pelo livro ao leitor seria intelectual: eram indispensáveis noções de Poética e de história literária, pelo que o Prólogo enaltece a obra camoniana através do seu enquadramento na tradição, apontando a sua excelência e, aqui e além, atenuando alguma crítica ao desrespeito pelas normas ou pela falta da lima. Prometia, por outro lado, debruçar-se sobre alguns aspectos da biografia do poeta, mas a verdade é que não se encontram nas suas páginas senão breves alusões que ficam por esclarecer, mas que, como as notícias dos primeiros biógrafos aliás, envolvendo a vida do poeta em mistério, despertavam a curiosidade do leitor.

No passar dos tempos, a tendência a apoiar a interpretação ao conhecimento da vida de Camões acentuou-se. No século XIX, Teófilo Braga chegou a considerar que não seria possível apreciar um soneto ou uma canção de Camões sem ter conhecimento do episódio factual que lhe estaria na base e o motivaria no que foi secundado por José Maria Rodrigues. De facto, a poesia camoniana apela muitas vezes a um sentido de vida, de memória e de registo de “verdades puras” que leva o leitor a recriar uma situação e a tentar reconstruir uma trama em que os vários momentos se pudessem alinhar. Quando Jacinto do Prado Coelho (1977) declarou que tudo quanto precisamos de saber da vida de Camões para interpretarmos a sua obra se encontra inscrito na biografia poética recriada nas Canções IX e X, e depois, quando, com maior veemência ainda, Vítor Aguiar

e Silva (1981) asseverou que a construção dessa vida segue os passos preconizados pela *imitatio vitae* petrarquista, a leitura e o estudo das *Rimas* alteraram-se.

Convém lembrar que o primeiro contacto mais sério com a poesia de Camões, quer seja a épica, quer seja a lírica, ocorre normalmente em contexto escolar. E, de facto, o papel da escola será determinante para a formação de futuros leitores autónomos. No entanto, é também certo que fora da escola, no espaço público, muitos pormenores falam do poeta que se tornou símbolo de uma nacionalidade.

De certa maneira, estarmos a festejar o quinto centenário do nascimento do poeta, encontrarmo-nos com ele em numerosas comemorações públicas e nos programas escolares, parece motivo de tranquilidade para as gerações mais maduras, desejosas de transmitir aos mais novos os valores e o património literários e culturais que os encantaram e em que continuam a encontrar significado, e novos desafios a cada leitura.

E no entanto, por outro lado, o título deste texto – “As *Rimas* de Camões: novos leitores, novos desafios?” –, formula uma interrogação que nos acompanha há muito tempo, colocando-se a quem simplesmente olha em seu redor e pensa na justeza do verso camoniano “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” e também, ao menos em cada ano lectivo, a qualquer professor de literatura portuguesa clássica ou, de uma forma mais geral, a quem em Portugal acompanha as discussões sobre a reformulação dos programas escolares de Português que periodicamente tem lugar.

Devo desde já dizer que devo a sugestão, quer do tema, quer do título, à Professora Gilda Santos e aproveitar para lhe agradecer a reflexão que me proporcionou. No centro desta exposição, como ilustração desse passar do tempo, estará Dinamene, uma das personagens camonianas que com mais frequência circulam entre nós,

apesar de existir apenas como figura de papel. Mas talvez por isso, os leitores, mais cultos ou menos letrados, a podem interpretar e dar-lhe vida com maior liberdade e de acordo com os seus próprios interesses.

Uma ideia é central: conhecer Camões não é apenas saber que existiu, conhecer um pouco da sua vida, ou saber que tem um lugar excepcional no cânone da literatura portuguesa e acentuar o seu valor simbólico.

Conhecer Camões é também – sobretudo – ler os seus poemas. Ou seja, defendemos que é preciso conhecer e saber ler, para, respeitando a alteridade (e essa é uma das funções basilares da literatura), ver o mundo com Camões e aceitar os desafios que coloca. Naturalmente, como qualquer outro clássico aliás, e às vezes nem tanto quanto se diz, os seus versos podem levantar dificuldades, mas o seu estudo traz um enriquecimento pessoal – tanto intelectual, quanto emocional – e interpessoal que o justifica.

Não vou há tempos ao Porto. Mas se a cidade não mudou, a Rua de Santa Catarina continua a ser um mostruário ímpar da arte nova em Portugal. Na correnteza da rua, fachadas e pormenores ornamentais falam dos finais do século XIX e das primeiras décadas do século XX, quando a arte se deixou fascinar pelas possibilidades decorativas abertas pela utilização de materiais que a Revolução Industrial conseguiu domesticar e integrar na decoração citadina.

Um bom exemplo, bem preservado nos nossos dias, encontra-se na esquina das Ruas de Santa Catarina com a 1º de Janeiro. À direita, no nº 2 da rua de Santa Catarina, a livraria editora Latina abriu as suas portas durante largas décadas; quando as encerrou, dando lugar a nova livraria, o restauro manteve inalterada a sua fachada

muito típica. À esquerda, um edifício histórico, ainda oitocentista, agora uma loja ligada ao sector do turismo, mas que, na sua origem, albergou uma ourivesaria cujos estuques pintados e uma fachada com deventura em ferro fundido, colocada já no início do século XX, mostravam o primor próprio do ramo do comércio e o trabalho dos irmãos Teixeira Lopes, arquitecto um, o outro pintor.

Deste quadro, destaco agora um pormenor do cunhal do edifício da direita, o da livraria: o busto que, por iniciativa do primeiro proprietário da livraria, presta homenagem a Camões, desde os anos 40.

Figura 1 – O busto de Camões, de autoria de António Cruz.



Fonte: Google Maps (2024).

Simplemente, apesar da seriedade e do respeito desta figuração, a população do Porto não deixou de seguir o olhar de Camões... E ele detém-se, dizem, no outro lado da rua, na figura que lhe é fonteira.

Figura 2 – Dinamene.

Fonte: Google Maps (2024).

E de imediato a figura feminina que ornamenta o edifício passou a ser Dinamene...

Tanto quanto sei, nunca ninguém se lembrou que pudesse ser D. Francisca ou D. Catarina, Belisa, Violante ou Leonor. É Dinamene, e não há discussão sobre a sua identidade.

Dinamene surpreende na forma como *salta* do universo camoniano, como cria autonomia. Enigmática, talvez atraia o leitor precisamente por essa qualidade, que partilha com o seu poeta, aliás.

Outras figuras femininas que perpassam ou se imaginam no universo camoniano são, como a Infanta D. Maria, D. Francisca de Ataíde ou D. Catarina de Aragão, referências que o leitor procura identificar na sua verdade histórica, relacionar com o seu próprio mundo, colocar em círculos que permitam ancorar reconstituições históricas. Já Dinamene tem existência apenas em função da sua relação com o poeta. Mesmo se há documentos coevos (e penso em particular nos relatos da *Década VIII* de Diogo do Couto, a que voltarei

a referir-me) que falam da moça china, alguns estudiosos preferem outras identificações (por exemplo, Eduardo Ribeiro que lembra com veemência que o nome já surge nos poemas camonianos antes da sua partida para o Oriente, ou José Hermano Saraiva, que acredita que os amos de Camões tinham muito a esconder, e em Dinamene descobre o anagrama de D. Joana de Noronha e Meneses).

Importa, desde já, uma primeira questão: a que se deve a sobrevivência de Dinamene? Deixaremos de lado a presença de Dinamene entre outras ninfas que povoam a égloga VII, dos faunos, ou como destinatária do canto de Agrário na égloga VI, “A rústica contenda desusada”. Apesar de serem poemas que, pelo carácter próprio do seu género poético, se prestavam a constituir-se como *poemas à clef*, isto é, como poemas em que alusões e referências mais ou menos transparentes se escondem numa trama alegórica, cifrada, o carácter pontual das brevíssimas sugestões que neles se encontram não se coaduna com a narrativa sobre Dinamene que sobrevive no imaginário do leitor de Camões. Naquelas duas églogas não se descortinam elementos comuns, isotópicos, ou seja, as situações evocadas não se enquadram numa trama de referências que permitiria a permeabilidade e a convergência de significados, numa interpretação conjunta, talvez sequencial, dos poemas.

Nessa rede de sentidos, são muitos os sonetos que se têm interpretado como evocativos de Dinamene, por girarem à volta da morte da amada ou por evocarem uma mulher que encontrou a sua sepultura nas águas.

Entre eles, são fundamentais dois sonetos que vou relembrar, incluídos ambos nas edições quinhentistas das *Rimas*. A sua interpretação cedo os uniu na criação, à volta das incertezas que pairam sobre a vida de Camões no Oriente, a realidade do naufrágio e a história da moça macaense de que alguns manuscritos dão conta, sem se deter em pormenores: no rio Mecom, a caminho de Goa (vindo capitula-

do de Macau, segundo algumas versões), Camões sofreu o naufrágio terrível. Consigo viajaria uma moça chinesa que teria morrido no mar. Mais do que “Alma minha gentil que te partiste”, que Diogo do Couto diz composto em memória dessa amada, estes dois poemas levam o leitor a recriar a situação.¹

O primeiro soneto:

Cara minha inimiga, em cuja mão
Pôs meus contentamentos a ventura,
Faltou-te a ti na terra sepultura,
Porque me falte a mim consolação.

Eternamente as águas lograrão
A tua peregrina fermosura
Mas, enquanto me a mim a vida dura,
Sempre viva em minh’ alma te acharão.

E se meus rudos versos podem tanto
Que possam prometer te longa história
Daquele amor tão puro e verdadeiro,

Celebrada serás sempre em meu canto
Porque enquanto no mundo houver memória,
Será minha escritura teu letreiro.²
(Camões, 1972, p. 159).

¹ Sobre o testemunho de Diogo do Couto, veja-se Maria Augusta Lima Cruz (1994) ou, numa versão mais abreviada, mas muito informativa, o excelente verbete que redigiu para o *Dicionário de Luís de Camões* (2011).

² Transcrevo os poemas camonianos a partir da edição de Álvaro Júlio da Costa Pimpão (Camões, 1972).

De facto, neste soneto, o poeta promete a imortalidade à amada que encontrou sepultura no mar – e, note-se, no século XVI como agora, dar sepultura aos mortos, em terra tradicionalmente, era um passo importante, em termos de prática religiosa, e também de cumprimento do luto psicológico.

Como no mundo pastoril, à boa maneira dos clássicos, o canto garantirá a sobrevivência do caso e dos protagonistas. Como o “rudo canto” dos pastores da tradição bucólica, também o rude canto do poeta será o *letreiro* que persistirá na memória de quem passar. Mas note-se que, como lembram os leitores que neste soneto julgam não se poder descortinar qualquer referência à Dinamene, tão-pouco se encontra a declaração de que Camões estivesse no navio em que a amada viajava.

Este poema foi a base que serviu a Vítor Aguiar e Silva para comentar a presença do tema num ensaio muito lúcido “O canto poético como epitáfio”, que veio a reunir no volume *Colheita de inverno* (Aguiar e Silva, 2020) e que encerra, analisando-os e sistematizando-os com coerência, argumentos e factos diversos. A partir da consideração deste soneto, da sua análise interpretativa, nele encontra certos traços em que vê confirmados laivos de inspiração autobiográfica que parecem conformes a informações habitualmente aduzidas constantes nos primeiros biógrafos ou em anotações coevas do Poeta. Assim, ao mesmo tempo que recusa, de forma congruente com a sua interpretação geral da obra camoniana, leituras em que imperam interpretações derivadas de um biografismo imediato, Aguiar e Silva reconhece que “o motivo poético da amada jovem e de peregrina formosura que morre e é sepultada nas águas marinhas, tendo como epitáfio o canto poético do infeliz amante, reitera-se noutros sonetos” (2020, p. 389). A partir daqui, e tendo em conta que este motivo não faz parte dos tópicos e do repertório comum aos poetas da época e que não se está perante um caso de imitação poética

de outros textos, conclui que se poderá “propor uma articulação entre o co-texto do soneto camoniano [‘Cara minha inimiga, em cuja mão’] e um acontecimento traumático da vida do Poeta” (Aguilar e Silva, 2020, p. 390).

Lembremos um outro soneto que com frequência se liga a este primeiro, e que foi publicado na segunda edição das *Rimas*, preparada dois ou três anos volvidos sobre a primeira (sai em 1598): “Quando de minhas mágoas a comprida”.

Quando de minhas mágoas a comprida
 Maginação os olhos me adormece,
 Em sonhos aquela alma me aparece,
 Que para mi foi sonho nesta vida.

Lá numa soidade, onde estendida
 A vista por o campo desfalece,
 Corro após ela; e ela então parece
 Que mais de mi se alonga, compelida.

Brado: - Não me fujais, sombra benina. -
 Ela (os olhos em mi c’um brando pejo,
 Como quem diz que já não pode ser)

Torna a fugir-me; torno a bradar: - Dina...
 E antes que diga mene, acordo, e vejo
 Que nem um breve engano posso ter.
 (Camões, 1972, p. 166).

É fácil pensar que este soneto incita a imaginação a quem procura reconstituir através dos poemas de Camões os traços autobiográficos que não se encontram registados nas vidas do Poeta. Afinal, já Severim de Faria, biógrafo consagrado, resumia uma prática corrente e explicitamente autorizava esse movimento quando declarava que,

se na sua Vida de Camões tinha conseguido acrescentar algumas informações àquelas que Pedro de Mariz recolhera e publicara em 1613, o conseguira “aproveitando[-se] de seus versos, onde ordinariamente os Poetas deixam escritas suas vidas” (Faria, 1720, p. 270).

Pela evocação particularmente dramática de um momento, sugere-se ao leitor a reconstituição de uma narrativa completa. E quando digo *dramática*, falo em tensão, sim, mas naquele sentido em que na sua recriação da *Andrômaca* o dramaturgo francês Jean Anouilh opunha dramático e trágico, pela abertura, no dramático, à esperança, “le sale espoir” que não dá tréguas ao espectador, e à total exclusão da esperança que, no trágico, deixa *repousar* o espectador, quebrantado pela impotência e pelo desânimo. No caso do soneto, que se inscreve na tradição do canto do sonho ilusório que permite a reunião dos amantes, é admirável o efeito de arrastamento e de renascimento da esperança, mesmo se desde logo se sabe o carácter falso, fantástico, do engano, e se a realidade se impõe na sua crueza.

O próprio modo de enunciação, a alternância reiterada entre o sonho e a consciência, na repetição que se impõe como inevitável, tanto pelo vocabulário como pelo próprio aspecto imperfeito dos tempos empregues, o sobressalto continuamente renovado pela tmesse na partição do vocativo, tudo contribui para esse continuo e irracional renascer da esperança. E se o desalento pode parecer dominante, a verdade é que ele esconde a uma situação agónica que Camões resume num verso de um dos seus mais desesperados poemas, a Canção VI: “se algum dia desesperar pudesse / viveria” (Camões, 1994, p. 214).

Pela força expressiva que irradia destes dois sonetos, compreende-se bem que à sua volta se tenham agregado no espírito do leitor outras composições, muitas vezes sem razão aparente. Aliás, não deixa de ser curiosa a aliança, uma vez que neste soneto, em que Dinamene está presente, não há qualquer referência a um naufrágio ou

até a circunstâncias de uma morte. E quando outros textos, por vezes simples comentários ou anotações, outras referências de índole historiográfica ou de comentário literário, trouxeram informações sobre passos da biografia de Camões, os leitores não esqueceram Dinamene. Num primeiro passo, inteiramente subordinada à reconstituição da biografia do poeta, foi-se criando uma rede de sonetos que de algum modo pudessem relacionar-se entre si.

Destaco agora apenas alguns passos na construção de Dinamene, em que a leitura e a crítica convergiram na tradução de novas maneiras de encarar a sua presença no texto camoniano. Omito, portanto, porque excessivamente longos para os nossos propósitos, alguns passos informativos, que se poderão encontrar resumidos no estudo que aponte já de Aguiar e Silva, e contrapor aos comentários apresentados por Faria e Sousa nas biografias que escreve do poeta e que acompanham as edições comentadas da epopeia (1639) e da lírica (1685).

De momento, importa perceber como o leitor desprevenido e o estudioso da obra de Camões se influenciam mutuamente e como Dinamene é, afinal, exemplo claro da resposta aos desafios que o texto camoniano coloca aos leitores de cada época. Para tanto, lembraria a antologia recriada por Afrânio Peixoto como se de um cancioneiro se tratasse, numa época em que o *corpus* dos poemas atribuídos a Camões englobava muitos que temos hoje consciência de serem apócrifos ou de atribuição duvidosa (a edição da *Lírica* preparada por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Viera data de 1932).

Publicado em 1925, intitulado *Dinamene. Alma minha gentil*, o livro de Afrânio Peixoto é formado por duas partes: a primeira encerra um estudo, a segunda é composta pela reunião de 44 poemas em que o literato reencontra o cancioneiro dedicado por Camões ao seu grande amor – e esta interpretação é fulcral na atribuição de autoria de alguns dos sonetos antologiadados. Pense-se que, no século XVII,

Faria e Sousa diz ter encontrado a nota “*ad Dinamanem, acquis extinctam*”, aposta ao soneto “Alma minha gentil que tão cedo partiste”, mas desvaloriza-a inteiramente, chegando até a brincar com o facto de uma nota escrita em latim (por mão erudita, por conseguinte) mostrar tanta ignorância. Na sua interpretação, o comentarista, que elegera como musa de Camões Natércia, ou seja, D. Catarina de Ataíde, supunha o poema escrito em memória da dama da Rainha.

A ideia de Afrânio Peixoto espelha bem a época em que o exotismo do Oriente fascinava os europeus – seria suficiente recordar as heroínas de Saint-Pierre, Chateaubriand, Loti, os amores românticos de um Beaudelaire... Por outro lado, em 1917 descobrira-se na Biblioteca Pública do Porto um manuscrito da *Década* VIII, de Diogo do Couto, com uma referência explícita a Dinamene – o manuscrito desta VIII *Década* fora roubado ao cronista, que terá refeito o seu texto de memória, o que justifica também a existência de várias versões (mais perto de nós, como foi já referido, também a descoberta de nova versão e o estudo de Maria Augusta Cruz Lima renovaram o interesse pelas informações de Diogo do Couto que, além de ter tido experiências de vida semelhantes às de Camões, se julga ser próximo dele).

Afrânio Peixoto dedica-se, em primeiro lugar, a tornar natural a paixão de Camões, europeu quinhentista, por uma mulher chinesa, convocando a que considera opinião autorizada e os elogios de frei Gaspar Pinto e de Fernão Mendes Pinto ao ideal feminino oriental. Assim, procede à releitura de alguns poemas e, sem hesitação, declara o soneto “Um mover de olhos doce e brando” dedicado à Dinamene, como muitos outros que tradicionalmente se aceitava (ou discutia...) serem dedicados a outras musas. Sem por um momento questionar a sua própria interpretação, afasta decididamente outras hipóteses mesmo quando recorre a um tom de brincadeira – “ocorre a Camões o mesmo que nas famílias de muitas irmãs sucede a um

irmão: todos o querem casar, não com quem lhe agrada a ele, mas segundo as preferências delas” (Peixoto, 1926, p. 16).

O estudioso brasileiro rejeita assim D. Catarina de Ataíde (a ideia de Faria e Sousa, do Visconde de Juromenha e de Storck), Isabel Tavares e D. Francisca de Aragão (Teófilo Braga), e a Infanta D. Maria (José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira). Camões encontrara em Dinamene, longe da pátria e das perseguições, a paz – e Afrânio Peixoto, ao reunir a sua antologia, contribui decisivamente para a sobrevida da personagem, ainda que sem lhe dar uma figura própria, mantendo-a, suponho, ao nível da figuração. Talvez porque, apesar de tudo, sendo seu objectivo principal explicar Camões e a sua biografia sentimental, atém-se ao texto camoniano e Dinamene não cria vida própria, mantendo-se numa esfera ancilar.

Como se pode verificar na antologia de Afrânio Peixoto, entre a obra atribuída a Camões figuravam muitos poemas que glosavam o tema da morte e sepultura no mar, e que deixaram de figurar nas edições da *Lírica*, por se ter verificado serem apócrifos. É natural a confusão que se estabelecia, em época em que Camões era considerado um poeta excepcional e isolado, e a tendência a agregar às *Rimas* camonianas estes poemas que impressionam pela sua singularidade e comoção e, por arrastamento, aqueles em que o poeta pranteia uma amada, independentemente das circunstâncias que motivaram a sua morte. Mas, por outro lado, é também conveniente recordar que estes poemas retratam uma situação que, apesar de tudo, não era incomum no tempo de Camões: se nas primeiras décadas da carreira da Índia não era hábito embarcarem mulheres, em meados do século a situação mudara, e as naus albergavam mulheres (fossem familiares de nobres nomeados para cargos, fossem as inevitáveis degredadas, órfãs, etc.). No entanto, e sem ter de rebuscar exemplos, é elucidativo lembrar a comoção que provocavam no relato da perdição da nau Cinco Chagas as imagens de D. Luísa de Melo e de sua

mãe, duas das raras protagonistas femininas a terem rosto na História trágico-marítima.

É notório que Dinamene não tem uma história contada por Camões, isto é, não se integra numa narrativa estabelecida pelo poeta. Simplesmente, talvez porque o leitor refaz momentos que julga cruciais da vida do poeta, tem tendência a conciliar e confundir realidade e ficção quando imagina Dinamene. Apesar disso, sente que a cada momento lhe faltam elementos e não aceita desconhecer pormenores que lhe parecem evidentes, porque esquece o que está já preceituado desde Aristóteles: no mundo empírico, os factos acontecem muitas vezes de forma imprevisível e ilógica; e é do mundo da narrativa literária a necessidade de encadear os acontecimentos segundo um princípio de motivação e até de necessidade. Ora, à partida, Dinamene nem sequer pertence ao mundo da narrativa: no universo literário camoniano, Dinamene habita o lírico.

O romance histórico do século XIX e XX tem dificuldade em lidar com Dinamene. Dir-se-ia que, na urdidura da trama, a jovem oriental facilmente se constituiria numa peça de distração (de maneira paralela, no campo da crítica, o Visconde de Juromenha considerará Dinamene uma aventura inconsequente).

O universo ficcional em que Camões se inscreveu largo tempo é, por tradição, um mundo guiado por valores masculinos. As suas narrativas são, em grande parte, edificantes (dando ao termo um sentido lato), sublinham as qualidades positivas do herói desenhado – e entre elas, e abstraindo agora as virtudes heróicas, a constância e a espiritualização do amor. Herói apaixonado, mas sobretudo herói irrepreensível, Camões tornara-se figura exemplar (Faria e Sousa resumira esta ideia muito antes, ao distinguir nitidamente “o que os poetas são em vida” daquilo que mostram nos seus poemas, acabando por admitir que o seu Poeta, apesar de cantar o amor exemplar-

mente, de forma espiritual, era em vida inconstante e se entregou a levandades amorosas).

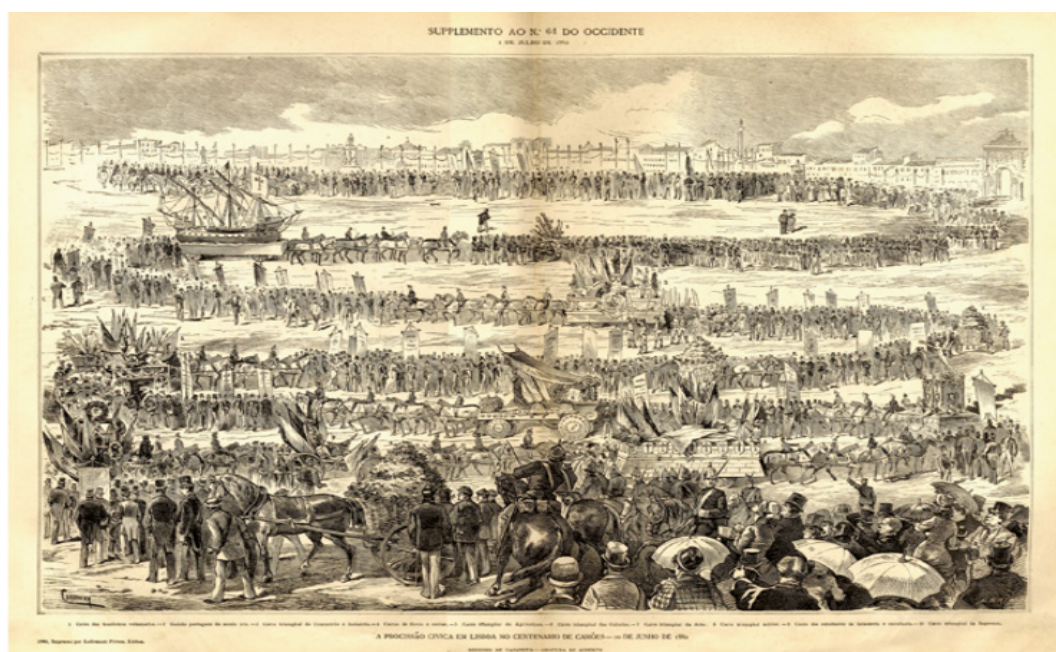
Ora, nesta sequência, se Natércia ou Belisa poderiam preencher os requisitos de um amor sublimado, norteados por ideais neoplatônicos, já Dinamene pertenceria a uma faceta menos admirável, talvez até condenável do poeta. A mesma faceta boémia de que as cartas, em reapreciação ou até descoberta nos nossos dias, dão conta.

Não será portanto de admirar que Mário Domingos (1964) prefira reencontrar o caso de D. Isabel de Vasconcelos nos poemas celebrativos “cara minha inimiga” ou em Dinamene; mesmo se nada ligava Camões à jovem morta no mar num “triste e desastrado caso que em todos causa dor e compaixão”, como se dizia nos relatos quinhentistas de naufrágio.

Até aqui, encontra-se um mundo que, na distância do tempo, nos parece tranquilo.

Mas os tempos mudam. A nossa contemporaneidade e a hipercontemporaneidade não procuram heróis modelares no sentido da perfeição; antes os aproxima do homem comum. Compare-se a majestade sóbria imagem de Camões que ilustra a edição do Morgado de Mateus com as imagens de edições hodiernas que o procuram aproximar do leitor; comparem-se os registos fotográficos do cortejo cívico que em 1880 percorreu as ruas de Lisboa, serpenteando com alegria e gravidade a baixa da cidade em direcção ao monumento a Camões para aí depositar coroas de flores, com as do cortejo promovido também em homenagem ao Poeta em 2024, sob o lema a Ilha dos Amores, nas ruas de Angra do Heroísmo, e sentir-se-á de imediato a diferença do espírito que os animou.

Figura 3 – Cortejo cívico de 1880.



Fonte: Casanova e Alberto (1880, suplemento).

Figura 4 – Angra do Heroísmo, Sanjoaninas 2024.



Fonte: (Sanjoaninas [...], 2025).

Da mesma maneira, a sobrevida de Dinamene é assegurada agora em obras ficcionais, e promovida pela adoção de novos significados.

Entretanto, quase num aparte, não resisto a lembrar como se torna significativa, numa perspectiva popular, a oposição entre, por um lado, Dinamene, tomada como imagem de um amor e de uma vida simples, e, por outro, *Os Lusíadas*, símbolo da glória e da grandeza, que são postos na balança da vida do Poeta, – devo dizer que esta oposição me parece ser mais frequente no Brasil do que em Portugal, e que não aparece apenas em blogues, constituindo antes uma “lenda” amiúde citada em teses e artigos científicos. Mas voltando ao exemplo, lembro-me de ter ouvido um treinador de futebol brasileiro que se comparava a Camões em pleno naufrágio: num dilema terrível, Camões tivera de optar entre salvar *Os Lusíadas* ou Dinamene; decidira-se pelo seu manuscrito, e com esse gesto Portugal e a cultura em geral tinham ganho uma obra monumental. Ora bem, obrigado a optar entre dois jogadores excepcionais no momento de formar a equipe, este treinador tivera de tomar uma decisão difícil, tanto mais que um deles era muito querido dos adeptos: depois de reflectir muito, excluiu este. Com isso, ficara impopular como Camões deixando morrer a amada, mas o seu clube conquistara o campeonato e a taça!

Encontra-se agora uma Dinamene que, com Maria Cortiel – *O livro perdido de Camões*, de 2008 –, abala a imagem indefinida da moça chinesa para se tornar a dona de casa que espera Camões no regresso dos seus afazeres, proporcionando-lhe a calma doméstica e a possibilidade de tomar decisões importantes em que o acompanha; ou, com Mário Cláudio e os seus *Os naufrágios de Camões* (2016), uma Dinamene que, compassiva, vai facultando a Camões a sua dose de ópio sob o olhar perverso do comandante da nau, e que, porque em plena tempestade procura ajudar um velho náufrago, impede que Camões a salve.

Já não falo do espectáculo “Ah! Minha Dinamene!” com que o grupo Oficina do Teatro percorre os teatros do país. Mas não resisto a

uma última referência que nos faz também reflectir sobre o poder e o papel da literatura na mudanças culturais: a *Dinamene* do santacatarinense Maicon Tenfen.

Figura 5 – Capa do livro.



Fonte: Belli (2020, capa).

Quando vemos a ilustração da capa, da autoria de Rubens Belli, já temos metade do livro resumido. Não vou contar o fim da narrativa de Maicon Tenfen, mas gostaria de apontar para o grande sucesso que o livro teve no Brasil; foi premiado em outubro de 2022 com o prémio Nacional Unicred, e integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Em primeiro plano, fala de multiculturalismo, da condição da mulher, através de uma história passada em Macau no século XVI, dos jesuítas e da deusa A-má, do ambiente histórico, tudo envolto na história de Dinamene que pratica Kung Fu e ama Camões quando estava destinada a um casamento combinado pela família.

Retomo o princípio, para concluir. A sobrevida de Dinamene resultou, em primeiro lugar, da habilidade poética de Camões e capacidade de adaptação dos leitores que intelectual e emocionalmente a adoptaram no seu mundo, ganhando depois, pouco a pouco, uma direcção diferente, que a fez ganhar vida própria, tornar-se protagonista.

Mas como disse, este processo é apenas um exemplo que deve fazer-nos reflectir. Referi-me à celebração do Tricentenário da morte de Camões, em 1880. E é praticamente impossível não lembrar, a par do entusiasmo das populações e dos organizadores, o cepticismo com que Antero de Quental, então a viver em Lisboa, acompanhou os festejos. Duvidava Antero que aquela multidão que via a homenagear alegremente o poeta viesse alguma vez a ler a sua obra, ou seja, que lhe fosse possível conhecer de facto o motivo essencial da celebração.

Diremos que a situação é hoje muito diferente, numa época de celebração da passagem de cinco séculos sobre o nascimento de Camões. O poeta estuda-se agora numa escola a que toda a população acede, os programas centram-se no estudo da obra. Há, isso sim, que distinguir nas festas o que é acessório e exterior daquilo que é essencial, conseguir explorar a motivação social para estimular o estudo das *Rimas* sem que o brilho da alegria esmoreça.

Os versos de Camões, escritos no século XVI, espelham necessariamente uma realidade que é em muitos aspectos diferente daquela em que nos integramos hoje; mas descobrir nessa roupagem a humanidade e perceber os traços que não perdem actualidade e continuam a desafiar novos leitores, obriga a perceber uma língua poética que a escola deve pôr ao alcance de todos. É que a celebração festiva e recreativa do Poeta tem sentido quando promove a integração dos interesses das comunidades e da escola, despertando novos leitores e novos desafios.

RECEBIDO: 03/08/2026

APROVADO: 06/08/2026

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor. Aspectos petrarquistas da lírica de Camões. In: VICENTE, Alonso Zamora; COELHO, Jacinto do Prado; VALVERDE, Jose Filgueira; AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Cuatro lecciones sobre Camoens*. Madrid: Fundacion Juan March- Cátedra, 1981. p. 99-116.
- AGUIAR E SILVA, Vítor. O canto poético camoniano como epitáfio. In: AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Colheita de Inverno*. Ensaios de teoria e crítica literárias. Coimbra: Almedina, 2020. p. 377-390.
- BELLI, Rubens. Capa. In: TENFEN, Maicon. *Dinamene*. Ilustrações de Rubens Belli. Ituporanga, SC: Edições Ronin, 2020. Capa.
- CAMÕES, Luís de. *Rimas, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão*. Coimbra: Atlântida, 1972.
- CASANOVA (des.); ALBERTO (grav.). A procissão cívica em Lisboa no centenário de Camões – 10 de junho de 1880. *Occidente*, Lisboa, n. 61, suplemento, 1 jul. 1880.
- CLAUDIO, Mário Cláudio. *Os naufrágios de Camões*. Alfragide: D. Quixote, 2016
- COELHO, Jacinto do Prado. *A letra e o leitor*. Lisboa: Moraes, 1977.
- CORTIEL, Maria. *O livro perdido de Camões*. Edições Chá das Cinco, 2008.
- CRUZ, Maria Augusta Lima. Camões e Diogo do Couto. In: AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Dicionário de Luís de Camões*. Portugal: Editorial Caminho, 2011. p. 134-140.
- CRUZ, Maria Augusta Lima. *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994.
- DOMINGOS, Mário. *Camões. A sua vida e a sua época*. Lisboa; Edição Romano Torres, 1968.
- FARIA, Manuel Severim de. Vida do grande Luis de Camões. In: *Obras do grande Luís de Camões*. Lisboa: Joseph Lopes Ferreira, 1720.
- GOOGLE MAPS. Rua de Santa Catarina 2, 4000-441 Porto, Portugal. *Google Maps*, [S. l.], ago. 2024. Disponível em: https://maps.app.goo.gl/AMtx8fcNmF7AfMVg9?g_st=iw. Acesso em: 02 set. 2026.
- PEIXOTO, Afrânio. *Dinamene. Alma minha gentil*. Lisboa: Biblioteca Nacional Lisboa, 1926.

SANJOANINAS 2025: Cortejo de Abertura celebra 500 anos do nascimento de Camões. *RTP Açores*, [Açores], 21 jun. 2025. Disponível em: <https://acores.rtp.pt/cultura/sanjoaninas-2025-cortejo-de-abertura-celebra-500-anos-do-nascimento-de-camoes/>. Acesso em: 02 set. 2026.

MINICURRÍCULO

MARIA DO CÉU FRAGA é Professora Associada, com agregação, da Universidade dos Açores. Doutorou-se em 1997, apresentando a tese *Os géneros maiores na poesia lírica de Camões* (publicada depois pelo Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos). Integra o Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores, e o Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. A sua investigação e publicações centram-se nos estudos camonianos e na literatura portuguesa dos séculos XVI e XVII (além de Camões, Diogo Bernardes, Faria e Sousa, bucolismo, relações interliterárias peninsulares), mas abrangem também a literatura açoriana (v.g., Gaspar Frutuoso, Armando Cortes-Rodrigues, Roberto de Mesquita) e temas do ensino da literatura.